

LEIA AGORA

Notícias que marcaram o mês



Internacional

Brasil deve cooperar com países de língua portuguesa no Ensino Superior – Os projetos incluem a formação e qualificação de professores, a reestruturação e a criação de cursos, linguagem e parcerias em estudos acadêmicos. Participarão dos projetos a UFMG, a USP, a UFRGS, a UFSC, a UFG, a UnB e mais 14 instituições.

7 jun. 2013

[[Agência Brasil](#)]

Coreia do Norte reabre linha direta com Sul e países marcam reunião – A Coreia do Norte propôs negociações para normalizar projetos comerciais, incluindo uma zona industrial conjunta que foi fechada no auge da tensão, no início de abril.

7 jun. 2013

[[Agência Reuters](#)]

Ex-ministro Paulo Vannuchi é eleito para Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA – Segundo o Ministério das Relações Exteriores, a eleição de Vannuchi à CIDH fortalece o compromisso do Brasil com o Sistema Interamericano de Direitos Humanos.

6 jun. 2013

[[Agência Brasil](#)]

“Ninguém está ouvindo seus telefones”, afirma Obama sobre grampos – Segundo Obama, o papel das agências de inteligência do governo é olhar números, transferências de dados e chamadas. O sigilo da operação servia para evitar colocar vidas em risco desnecessariamente.

7 jun. 2013

[[Uol Notícias](#)]

Brasil

Enem terá 7,1 milhões de candidatos, diz MEC – Número é recorde na história dos 15 anos do exame. Mais de 5,2 mil inscritos estão isentos do pagamento.

7 jun. 2013

[[G1](#)]

S&P vê risco real de o país perder grau de investimento – Entre os motivos, estão o desempenho modesto das exportações e a diminuição do investimento do setor privado. Com as eleições em 2014, o cenário fiscal pode piorar.

7 jun. 2013

[[Exame.com; Estádão Conteúdo](#)]

Preço do tomate cai mais de 10% em maio, e alimento deixa de ser vilão – A inflação subiu 0,37% em maio, a menor taxa para um mês desde junho de 2012, quando tiveram início os reajustes mais intensos dos alimentos.

7 jun. 2013

[[Uol Economia](#)]

Mundurukus podem voltar a ocupar cantoneiro de Belo Monte, diz líder indígena – O principal pedido dos índios é a suspensão de todos os empreendimentos hidrelétricos na Amazônia até que haja processo de consulta prévia aos povos tradicionais da região, conforme previsto na Convenção 169 da OIT.

7 jun. 2013

[[Agência Brasil](#)]

Proposta transfere feriados para as sextas-feiras – O autor do projeto salienta que feriados no meio da semana causam prejuízos à economia, principalmente ao comércio.

7 jun. 2013

[[Jornal do Senado](#)]

Saúde & Ciência

Padilha diz que governo está desenvolvendo método de avaliação de médicos estrangeiros – Os médicos estrangeiros vão, de acordo com o ministro, ajudar a suprir uma demanda de 13 mil profissionais para atender a periferia e o interior. “O grande foco que o Ministério da Saúde tem é investir e dar mais oportunidades para o médico brasileiro que queira trabalhar nas periferias”, disse.

8 jun. 2013

[[Agência Brasil](#)]

Aleitamento materno beneficia o desenvolvimento do cérebro dos bebês – Imagens de ressonância magnética mostraram que os bebês que foram amamentados por pelo menos três meses tiveram maior desempenho de linguagem, recepção visual e controle motor.

7 jun. 2013

[[Isaúde.net](#)]

Conselho Regional de Odontologia de SP lança medidas para prevenir violência em consultórios – Os dentistas terão um serviço telefônico gratuito para denunciar ameaças. Além de fazer a denúncia, os profissionais receberão informações sobre como registrar um boletim de ocorrência. As medidas foram tomadas depois de dois consultórios terem sido invadidos, e os dentistas brutalmente assassinados enquanto trabalhavam.

7 jun. 2013

[[Agência Brasil](#)]

Cientistas afirmam ter descoberto origem do câncer de mama – Segundo David Gilley e Connie Eaves, todas as mulheres apresentam uma classe particular de células-mãe com telômeros, propensas a desenvolver os tumores.

6 jun. 2013

[[Yahoo Notícias](#)]

Todas as notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 10 de junho de 2013.

As redes sociais e os protestos

A cidade conflagrada

“Caos, fogo e depredação”, destaca o Estado de S. Paulo. “Confronto e vandalismo”, registra a Folha. O Globo informa que, além da capital paulista, também houve protestos no Rio, em Natal e em Goiânia pelo mesmo motivo, organizados pelo Movimento Passe Livre. [...] As manifestações foram convocadas pelas redes sociais digitais. [...]

Curiosamente, os jornais não trazem nas edições a fatura de declarações de manifestantes que geralmente ilustram as reportagens sobre eventos que conturbam a cidade. [...]

O material contido nas redes sociais digitais é mais extenso e mais diversificado do que as reportagens dos jornais, embora, por motivos óbvios, menos organizado. Por ali se pode observar que a causa é considerada justa pela maioria das pessoas que manifestam suas opiniões, mas há também uma condenação geral aos atos de vandalismo.

COSTA, Luciano Martins. Observatório da Imprensa, 7 jun. 2013. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/a_cidade_conflagrada>.

Protestar no Facebook não adianta. Tem que fechar avenida

A turma que grita “Acorda Brasil!” e outras palavras de ordem na rede vive pedindo reação popular. “Ah, mas tem formas mais civilizadas de se fazer isso, pela internet, escrevendo aos políticos, fazendo abaixo-assinados etc.”

Ã-hã. O que te parece mais eficiente? Lotar a caixa de e-mail de um assessor de quinto escalão ou fechar uma avenida num horário de pico?

BOCCHINI, Lino. *CartaCapital*, 7 jun. 2013. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/politica/protestar-no-facebook-nao-adianta-nada-o-negocio-e-fechar-avenida-1479.html>.

A todo momento, diversas notícias, sobre os mais variados assuntos, permeiam nosso convívio social. Nos últimos dias, por exemplo, deparamo-nos com as reportagens sobre os protestos contra o aumento das tarifas do transporte público. Não temos a pretensão de avaliar se os protestos são válidos ou ineficientes, certos ou errados, mas, como sempre, buscaremos analisar a linguagem empregada nos artigos apresentados.

Com o crescente uso das redes sociais, conectamo-nos mais rapidamente com nossos familiares, amigos e grupos que nos identificamos. Fazer parte de um grupo sugere compartilharmos ideologias semelhantes ou, pelo menos, simpaticizarmos com elas. Nas duas notícias apresentadas, fica claro que a movimentação contra o aumento das tarifas foi iniciada nas redes sociais, mobilizando pessoas que tinham interesse em discutir, criticar e avaliar esse assunto em comum.

O primeiro artigo, “A cidade conflagrada”, ressalta as mais variadas manifestações sobre o assunto, observadas tanto em veículos de comunicação quanto em redes sociais. Porém, como abordado no próprio texto, o material contido nas redes sociais, apesar de mais extenso e diversificado, é também menos organizado do que o da imprensa. Mas, afinal, o que causa essa diferença de clareza entre os textos dos veículos de comunicação e os das ferramentas sociais da internet? O próprio uso da linguagem. Os jornais (a exemplo da *Folha e do Estado de S. Paulo*) fazem uso de palavras de impacto (“caos, fogo, depredação, confronto, vandalismo”) para dar ideia da atmosfera dos acontecimentos, valendo-se também de linguagem informativa. Por sua vez, os textos das redes sociais existem nos mais variados formatos, de acordo com o perfil e as intenções daquele que publica suas ideias e opiniões, o que significa que o

autor pode, por meio de sua escrita que é sempre intuitiva, usar uma linguagem bastante informal, próxima da própria fala e com marcas de oralidade, ou elaborar um texto mais estruturado, com características de artigo. Apesar das diferenças, o mais interessante é perceber de que maneira essas duas ferramentas podem se complementar para estabelecer um panorama dos acontecimentos da atualidade.

Nesse contexto, a segunda matéria, “Protestar no Facebook não adianta. Tem que fechar avenida”, estabelece uma crítica exatamente ao novo fenômeno: as redes sociais como meio massivo de protesto. Interessante observar que o autor do artigo, por mais que tenha publicado em um veículo de comunicação com perfil mais sério (*Carta Capital*), adotou uma linguagem coloquial e despojada, utilizando gírias do vocabulário oral – como “ã-hã” –, recurso adotado exatamente para aproximar a matéria da linguagem menos formal utilizada pelo público jovem e também nas publicações da internet. Além das palavras utilizadas, é possível verificar que o próprio ritmo do texto se aproxima de uma conversa oral, como se o autor quisesse estabelecer com o leitor uma reflexão, um diálogo direto sobre o assunto.

O Enem tem apresentado uma miscelânea de perspectivas, e encontrar nas provas textos referenciais com escolhas lexicais próximas da oralidade não é surpresa. O candidato precisa estar atento a esses casos para obter êxito na prova.

Editorial

Todas as notícias foram adaptadas e todos os sites foram acessados em 11 de junho de 2013.

CONTEXTO

fatos e interpretações

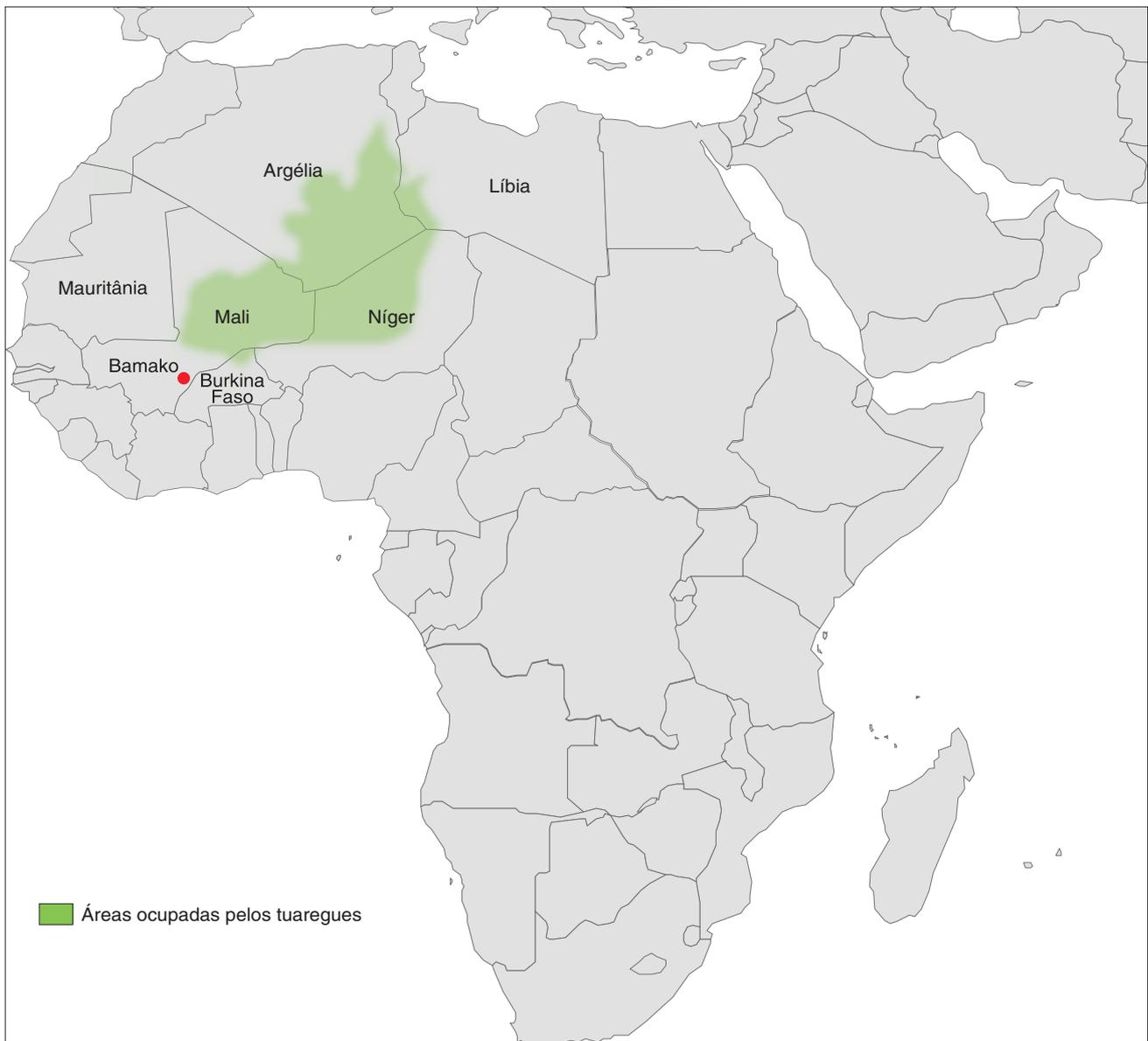
O confronto no Mali

Em 2012 e 2013, ganhou projeção mundial uma guerra civil no Mali, um país até então pouco citado nas manchetes internacionais. O Mali está enfrentando uma crise política sem precedentes, a mais grave desde que o país do Oeste da África conseguiu a independência da França, em 1960. Nesse artigo, procuraremos entender um pouco melhor as questões que envolvem a região.

O Mali é um país localizado no Oeste africano, sem acesso ao mar, com capital em Bamako e tem aproximadamente 12 milhões de habitantes. Uma das nações

mais pobres do mundo, o Mali apresenta baixa expectativa de vida (53 anos), a taxa de mortalidade infantil é uma das mais elevadas do mundo (104 óbitos a cada mil nascidos vivos) e o analfabetismo atinge 74% da população. A principal riqueza desse país é o ouro, que representa mais de 70% de suas exportações. O IDH do Mali é 0,344, sendo o 182º colocado de 186 nações avaliadas. O ouro é explorado, sobretudo, por empresas sul-africanas, australianas e canadenses. Há outras riquezas no país, como o urânio e o petróleo. O país carrega uma histórica condição dos países

africanos pós-coloniais: é composto de cerca de 20 etnias diferentes. Destacamos os bambaras (50%), fulanis (17%), voltas (12%), chongais (6%) e dogões, peules, bozos e tuaregues (juntos representam cerca de 15% da população). O Mali apresenta também uma diferenciação geográfica: o Norte do país, uma das regiões mais pobres do mundo, extremamente árida e habitada por grupos como os tuaregues, possui 76% do território e concentra apenas 10% da população. Já o Sul, com maior disponibilidade de água, concentra a maior parte da população.



Nesse sentido, quem são os tuaregues, centrais nessa análise? Esses grupos têm origem nos grupos berberes (não são, portanto, árabes, como diz parte da mídia) e estão espalhados pelo Norte do Mali, Sul da Argélia, Níger, Sudoeste da Líbia, Chade, Burkina Faso e Norte da Nigéria. Eles aderiram ao Islã no século XVI, de forma bastante heterodoxa. A ligação entre todos esses grupos se faz pela origem, pela religião e também pela língua tamaxeque, cujas variantes têm a mesma raiz linguística e usam o alfabeto tifinagh. Com as políticas imperialistas do século XIX, esses povos acabaram divididos em várias regiões distintas, tornando-se minorias ruidosas. Atualmente, os tuaregues são vistos pelos outros habitantes do Mali como “brancos”, por sua origem berbere. No início do século XX, liderados por Kao-cen, os tuaregues se revoltaram contra os colonizadores franceses, sendo 130 revoltosos fuzilados, e o líder enforcado. Após a independência, em 1961, os tuaregues do Mali, da Argélia e do Níger se revoltaram contra o novo governo, que lhes tomou as terras. Em represália, várias cidades e aldeias tuaregues foram destruídas. Em 1992, 1996 e 2008, ocorreram várias revoltas tuaregues, algumas das quais se expandiram para o Níger e ameaçaram empresas estrangeiras. Durante a Primavera Árabe, muitos tuaregues foram contratados por Muamar Khadafi para lutar por ele na guerra da Líbia. Com o fim da guerra, esses soldados voltaram com armas fornecidas pelo antigo ditador.

Historicamente, o Mali tornou-se colônia francesa em 1883. Quando o poder colonial se impôs, as várias etnias rivais que habitavam a região foram colocadas sob um mesmo governo, estando aí a raiz do problema tuaregue. A independência nacional foi conquistada no dia 22 de setembro de 1960. As rivalidades entre as etnias dentro do novo país, entretanto, permaneceram. Na segunda metade do século XX, após sua independência, o Mali foi dominado por uma ditadura militar, comandada por Moussa Traoré. Amadou Toumani Touré (conhecido como “ATT”) tomou o poder em 1991. Em maio de 2002, Touré venceu as eleições presidenciais e, em 2007, foi reeleito.

Touré foi complacente com as potências europeias e os Estados Unidos: desde 1960 até o final da década de 1990, as minas de ouro pertenciam ao Estado; depois, seguindo as indicações do Banco Mundial, começaram as privatizações e a

licença de exploração. O resultado é que a extração de ouro no Mali aumentou de meia tonelada, em 1980, para 50 toneladas, em 2007.

Touré foi deposto da presidência em março de 2012, acusado de ser negligente com os rebeldes tuaregues do Norte e de receber uma porcentagem do dinheiro que os tuaregues conseguiam com sequestros e resgates. O golpe do dia 21 de março, que derrubou Touré, parece ter sido espontâneo. Mas, enquanto o golpe ocorria, os rebeldes tuaregues avançaram rapidamente.

Diante disso, em 6 de abril de 2012, os rebeldes tuaregues declararam a independência de uma área no Norte do Mali, dividindo o país. A organização tuaregue, chamada Movimento Nacional para Libertação da Azawad (MNLA), anunciou por meio de seu site a declaração de independência do território do Norte, reivindicando seu reconhecimento por governos de outras nações africanas. Importante lembrar que o MNLA é islâmico, mas, ao contrário do que pensa o senso comum, não visa implantar um Estado teocrático. De qualquer forma, o governo do Norte, proclamado em 2012, não foi reconhecido por nenhum país do mundo, e, assim, foi considerado rebelde, dando início a confrontos civis entre rebeldes tuaregues e o governo.

O MNLA e o grupo Ansar Dine Islâmico, ambos tuaregues, são os dois principais grupos envolvidos na declaração de independência do Norte do Mali. O MNLA tem como objetivo a independência de sua região, a qual chama de Azawad. O outro grande grupo tuaregue, o Ansar Dine Islâmico, tem ligações com o braço da Al-Qaeda no Norte da África. O Ansar Dine afirma que não luta pela independência, mas deseja introduzir a Sharia (lei islâmica, ou seja, obrigar as pessoas a adotar hábitos que eles julgam condizentes com o Islamismo) em todo o país, que é, em sua maioria, muçulmano. Outros pequenos grupos também estão participando dos combates, como o Movimento pela Unidade e Jihad no Oeste da África (Mujao).

Desde 2012, a guerra civil se instalou. Logo, guerrilheiros islâmicos do Ansar Dine e do Mujao passaram a controlar três das principais cidades da região: Timbuktu, Gao e Kidal. Temia-se que o fundamentalismo religioso triunfasse sobre o Mali.

Em janeiro de 2013, diante de constatações de que os exércitos do Mali não

teriam condições de enfrentar sozinhos os rebeldes, a França se envolveu nos confrontos de sua ex-colônia (enviando uma tropa com 4 mil soldados e utilizando bombardeios e satélites), que teria auxílio de grupos de países africanos próximos (Minusma) também avessos a uma guerra civil que poderia se espalhar pelo continente. As tropas francesas visam se retirar do Mali até o fim de 2013.

Por que a França se envolveu no conflito? Primeiramente, importante lembrar que o próprio governo do Mali pediu a ajuda francesa quando os rebeldes avançaram até assumir o controle de Konna, cidade situada a pouco mais de 680 km da capital Bamako. Também pediu a intervenção francesa no Mali a Comunidade Econômica dos Estados do Oeste Africano (Cedao ou Ecowas, na sigla em inglês), bloco formado por países da África Ocidental, atualmente comandada pelo presidente da Costa do Marfim, Alassane Ouattara, que enviaram para o Mali cerca de 6 mil soldados. A atuação francesa, além do mais, é apoiada por uma resolução de dezembro de 2012 do Conselho de Segurança da ONU. Segundo o presidente da França, Francois Hollande, o objetivo único da intervenção é impedir que grupos rebeldes islâmicos que controlam o Norte do Mali assumam o controle de todo o país. Hollande tem enfatizado que, se o Mali se converter em refúgio de insurgentes islâmicos, a segurança europeia estaria em risco, pois a região poderia se tornar uma “base de lançamento para ataques contra o Ocidente e para uma coordenação com a Al-Qaeda em Iêmen, Somália e Norte da África”, formando um “Estado terrorista” (lembrando que a França é o país da Europa Ocidental com o maior número de muçulmanos). Hollande afirma também que a rebelião coloca em perigo a democracia na África em geral, pois poderia aumentar o poder de islâmicos radicais na região. Além da França, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos também se envolveram na operação, enviando aviões cargueiros para o governo do Mali. Os EUA descartaram a possibilidade de enviar tropas para combate.

Aliás, é preciso notar que a França possivelmente tem outros interesses no conflito. Os franceses têm um histórico de intervenções militares em suas antigas colônias, em momentos de insurreições, golpes de Estado e instabilidade política. A Argélia, no Norte do Mali, é fornecedora de gás para a França. O Níger apresenta

uma das maiores reservas de urânio do mundo e exporta grande parte dele para a França. Atualmente, cerca de 75% da energia elétrica da França é produzida em centrais nucleares, e 30% do urânio que o país consome vem do Níger. Com a guerra, a França garante seu suprimento de urânio, no Níger, e gás, na Argélia.

Para muitos, o Azawad não pode ser reconhecido como um Estado independente porque uma independência da região significaria a perda da exploração de minerais. Vê-se, portanto, que muitos acusam a França de praticar uma ação que remete ao período do neocolonialismo.

Desde o início da crise, o Mali já enviou quase 150 mil refugiados aos países vizinhos, segundo dados do Acnur, agência da ONU para os refugiados. Atualmente, as principais cidades tomadas pelos rebeldes já foram conquistadas pelos franceses e seus aliados. No entanto, os grupos separatistas continuam espalhados pelo deserto combatendo as forças inimigas e efetuando vários ataques. Está prevista para julho de 2013 a entrada de 12,6 mil soldados da ONU para a região do Mali, a fim de pacificar a região.

O que podemos constatar até o momento? É importante lembrar que, como na quase totalidade das lutas históricas, não há “bandido” e “mocinho” nesse conflito, e todos os lados – o governo do Mali, a França, a ONU e os tuaregues – têm interesses, contradições e razões. Dizer que o conflito é causado “apenas pelo imperialismo” ou “apenas pelo fanatismo”, como diz grande parte da mídia, é um simplismo que mostra desconhecimento da história africana.

Primeiramente, pode-se dizer que não basta, de forma nenhuma, a intervenção francesa “vencer” a luta contra os tuaregues; após o fim das batalhas, qualquer novo governo instalado em Bamako terá de conversar com os grupos por muito tempo mantidos às margens do Mali. Em segundo lugar, cabe o questionamento: estaria a ONU e os franceses interpretando corretamente os conflitos no Mali? Mais especificamente, ao chamar os tuaregues de “terroristas”, como fizeram o presidente francês e o primeiro-ministro britânico, não estariam mostrando desconhecimento de um passado muito mais complexo desses povos?

Daniel Gomes

O autor é professor de História, Sociologia e Atualidades no Sistema de Ensino Poliedro.

TOQUE DE ESPECIALISTA

Linguagens, Códigos e suas Tecnologias

Língua: origem, história e variação

Todas as línguas têm uma origem, uma história. Estudos mostram o caminho que percorreram e as transformações pelas quais passaram. Uma corrente dessas pesquisas chama-se Método Histórico Comparativo. Tal método consiste em comparar as línguas e seus registros anteriores para tentar determinar uma origem em comum, um grau de parentesco, para atestar que apresentam a mesma raiz. Faz-se uma analogia com a genética, estabelecendo famílias e relações de parentesco, montando uma espécie de árvore genealógica das línguas.

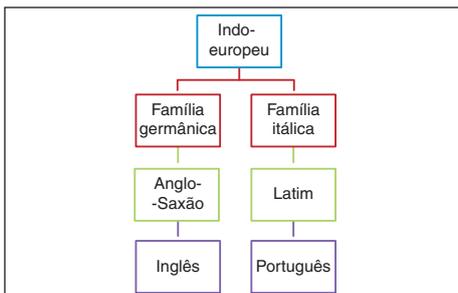
Dessa forma, o Método Histórico Comparativo, além de indicar a família, aponta também dois grandes troncos: as línguas indo-europeias e as não indo-europeias. Quando falamos tronco, temos em mente línguas de origem comum, situada há milhares de anos e, por isso, as semelhanças são muito sutis.

As chamadas indo-europeias são as famílias itálicas, célticas, eslavas e germânicas, ou seja, línguas originárias da Europa cujo ancestral comum seria a língua indo-europeia, uma espécie de origem de todas essas famílias. São as conhecidas por nós, devido ao maior contato – estudos, viagens, músicas. Vejamos os exemplos a seguir.

LÍNGUAS INDO-EUROPEIAS (ALGUNS EXEMPLOS)				
Latim	Grego	Sânscrito	Português	Inglês
Mater	Matér	Mitah	Mãe	Mother
Frater	Phratér	Bhrata	Frater (nidade)	Brother
Fero	Phéro	Bharami	(Trans)ferir	(Trans)fer

Pela observação das semelhanças entre as palavras, estudiosos concluíram que seria possível encontrar um ancestral comum a todas elas: o indo-europeu.

Dessa forma, línguas que conhecemos podem se relacionar, mesmo que pareçam não ter semelhança alguma, ou seja, inglês e português, por exemplo, têm algum parentesco, mesmo que remoto. Observe:



Esquema simplificado que demonstra o grau de parentesco entre essas línguas. É importante destacar que essas famílias apresentam outros ramos também.

Já as línguas não indo-europeias são todas aquelas que não fazem parte do grupo anterior, ou seja, constituem-se por famílias linguísticas de origem diversa, em geral do Oriente, da Ásia e da África, mas que podem ocorrer em qualquer parte do mundo, dependendo da história e da ocupação dos territórios – o idioma Basco, por exemplo, é encontrado na Península Ibérica. Embora sejam, por vezes, pouco conhecidas, as línguas não indo-europeias apresentam uma grande variedade linguística; por esse motivo, é difícil determinar o número delas.

A língua do povo tuaregue, o tamaxeque, faz parte da família semítica, integrando o grupo das línguas berberes, que, provavelmente, são derivadas de línguas surgidas no Saara, próximo à região do Rio Nilo. Contudo, por serem um povo de origem nômade, é difícil determinar com precisão esse parentesco.

A língua tamaxeque, assim como as demais línguas do continente africano, apresenta uma diversidade de variantes. Isso ocorre porque há uma multiplicidade de etnias e culturas convivendo em um mesmo território, o que propicia o surgimento e o contato de dialetos. É importante destacar que o tamaxeque e suas variantes não estão limitadas a um país específico, pois as fronteiras da África foram determinadas de acordo com a colonização do território, sem levar em consideração os povos ali existentes.

Mariana Cunha Carvalho Lima

A autora é editora especialista de Linguagens no Sistema de Ensino Poliedro.

ESPAÇO LITERÁRIO

Ingenuidade

*Basta! Quero esquecer a crueldade,
Cercar-me por mundo de inverdade.
Oh!, coração, dá-me toda a certeza
De que há no mundo apenas pureza.*

*De que nos guie apenas a vontade
E que ninguém dê vida à maldade;
De que na lira não haja tristeza
E que o amor defina grau de riqueza.*

*Pois Deus só nos ordenou "Haja amor!"
E seguiu próspera a humanidade,
Guiada à imaculada bondade.*

*Mas eis que um pérfido traidor
Despertou a ganância e a vaidade;
Criou a triste vil realidade.*

Matheus Costa de Oliveira

O autor é aluno do 3º ano do Ensino Médio do
Colégio Poliedro – São José dos Campos.



“Espaço Literário” é a seção* de literatura do *Leia Agora* e queremos dividi-la com você, nosso leitor, como uma forma de estimular sua participação, além de divulgar e descobrir novos talentos. Se você tem um poema, um texto, um pequeno conto ou um desenho inédito que gostaria de compartilhar, envie para editora@sistemapoliedro.com.br, indicando o seu nome, idade, Unidade Parceira e sua cidade. A sua composição poderá estar nas próximas edições! Participe!

*A Editora Poliedro não realiza a edição dos textos veiculados nesta seção, respeitando, assim, a liberdade de criação do(a) autor(a) integralmente.

Editorial

Supervisão Editorial: Sandra Castro

Edição: Lívia Scherrer dos Santos e Anaiza Castellani Selingardi

Textos: Daniel Gomes de Carvalho, Lívia Scherrer dos Santos e Anaiza Castellani Selingardi

Projeto gráfico: Antonio Domingues

Diagramação: Elizete Ferreira e Carolina Paiva Seidl

Ilustração: Fabrício de Oliveira Silva

Revisão: Carla Vieira Cardoso Egidio e Adams A. Lopes